

GONÇALVES, Renata de Sá. *Os Ranchos pedem passagem*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2007. 295 pp.

ANA PAULA ALVES RIBEIRO

Mundialmente conhecido e objeto de diversas pesquisas, músicas e filmes, o carnaval carioca já assumiu diversas formas até os dias atuais, modificando-se, sobretudo, no que se refere à interação entre os diversos atores e aos papéis assumidos pelas camadas populares no seu processo.

Nas últimas três décadas, adquiriu também grande importância turística e econômica. Os estudos acadêmicos deste fenômeno popular, cultural, turístico e empresarial concentraram-se na festa, no rito e nas formas de sociabilidade, apesar de também existirem pesquisas relevantes sobre as transformações rítmicas e melódicas dos grupos sociais defensores, apaixonados e construtores do samba.

As transformações pelas quais o carnaval passa hoje não são exclusividades do nosso tempo. Em *Ecos da Folia*, Maria Clementina Cunha (2001) afirma que a questão da tradição, a busca do purismo e a ameaça de que “o carnaval estaria acabando”, paira desde o século XIX com o declínio do entrudo e das grandes sociedades dando espaço ao surgimento dos ranchos e blocos e de uma maior participação popular no carnaval, assim como Rachel Valença (1996) analisa as transformações pelas quais o carnaval carioca passou, mostrando não apenas o movimento ‘aumento-retração’ da participação do povo ao longo de sua história, como a tensão entre o que se chama de ‘tradição’ e ‘modernidade’ não é uma discussão atual.

Neste sentido, o que faz um rancho carnavalesco, modalidade de diversão e sociabilidade da virada do século XIX para o século XX, em plena Avenida Atlântica, arrastando foliões em uma terça-feira de carnaval? É com esta pergunta que a antropóloga Renata de Sá Gonçalves inicia seu

livro *Os Ranchos pedem passagem*, publicado na Coleção Biblioteca Carioca, em 2007.

Prêmio Carioca de Pesquisa 2003 e Menção Honrosa no Concurso Sílvia Romero, a dissertação de Gonçalves, defendida pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia & Antropologia da UFRJ, transformada em livro tenta responder muito mais que a questão lançada nas primeiras linhas deste texto.

Ao ter sua curiosidade aguçada pela performance do Rancho Flor do Sereno no início dos anos 2000, a autora empreende uma viagem ao Rio de Janeiro do final do século XIX, utilizando o método da etnografia retrospectiva. As fontes, essenciais para a construção deste processo, são as vozes dos diversos jornalistas e cronistas que trabalhavam ou eram amantes do carnaval. São essas vozes, por vezes de dentro, às vezes de fora, que ajudam a narrar os dramas desenvolvidos no carnaval, especificamente o carnaval dos ranchos.

E o que são os ranchos carnavalescos, os objetos de estudo da autora? Os ranchos eram manifestações carnavalescas do meio urbano, adaptadas dos ranchos de reis, com forte influência das estruturas das organizações religiosas e pastorais, os ranchos “indicavam um padrão de organização social orientado por valores tais como a ‘civildade’ e a ‘moralidade’” (Sá Gonçalves, 2007, p. 56-57), que contrastavam com outras manifestações vigentes como o entrudo, por exemplo.

Ao mesmo tempo em que o objeto de sua análise está delimitado ao Rio de Janeiro, cidade que empresta sua identidade à nação, o enfoque nos dilemas da cultura popular poderiam perfeitamente encontrar ecos em outras manifestações

populares além dos ranchos, já que as questões levantadas no livro são recorrentes nos estudos sobre carnaval – tensões entre o popular e o erudito, entre o moderno e o tradicional, a importância de outros atores que não os diretamente envolvidos no processo social descrito – e são tratadas no trabalho de Sá Gonçalves.

Seu livro está dividido em sete capítulos. No primeiro capítulo, “A cidade e a festa carnavalesca”, o Rio de Janeiro apresentado pela autora é uma cidade em ebulição. A cidade, que durante o Império havia sido “principal palco dos empreendimentos culturais, científicos e políticos nacionais, cuja identidade se confundia com a identidade nacional” (2007), encontra na passagem para o século XX, mudanças sociopolíticas, geográficas e, principalmente, de sociabilidade dos atores. É essa mesma cidade que começa um intenso processo de transformação logo na Primeira República, trazendo uma nova face urbanística, modificando o Centro do Rio, seu casario e a sociabilidade de seus moradores. A cidade, em constante expansão, passa a ter novos tipos de divertimento, principalmente para as classes populares. Algumas perguntas que a autora faz ao longo deste primeiro capítulo serão fundamentais para entendermos o desenvolvimento do seu trabalho.

No segundo capítulo, “Literatura sobre os ranchos”, um dos objetivos da autora ao trabalhar com estes relatos é o de “identificar o movimento dos atores que constituem amplamente a ideia de rancho” (2007, p. 73). Quem seriam esses atores? Policiais, literatos e cronistas da imprensa carnavalesca e os patrocinadores (tais como os comerciantes e a prefeitura) e ainda os que se expressam musicalmente e esteticamente desfilando nos ranchos.

Para Sá Gonçalves, “os relatos dos cronistas dos jornais são relatos legítimos (Clifford, 1998), pois parte-se do pressuposto de que estão repletos de significações a respeito da experiência de seus autores e de sua época e contexto social” (Gonçalves, 2007, p. 73). Para a autora, a análise desses dados permite “precisar os significados que delas (as fontes) emergem e vislumbrar determinadas

redes de relações na cidade” (Op. cit., p. 74).

Assim como em relação às escolas de samba e os blocos carnavalescos de hoje, os jornais (principalmente o *Jornal do Brasil*, o jornal analisado) tinham duas funções: 1) informar aos leitores dados essenciais como a divulgação das sociedades licenciadas, itinerários recomendados e regras – divulgadas exatamente como informadas pela polícia e pelas diversas associações a esta – e 2) parte opinativa com colunas reservadas para os cronistas.

Ao utilizar o recurso da etnografia retrospectiva para analisar a presença dos ranchos no *Jornal do Brasil*, a autora aproxima suas vozes dos relatos de viagens, documentos oficiais e diários de campos estudados pelos primeiros antropólogos. Neste sentido, as diversas crônicas assinadas e publicadas pelo *Jornal do Brasil*, assim como em outros jornais, demonstravam o papel dos literatos e seus trânsitos pelos diversos mundos sociais na cidade do Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo, “Sem drama não há carnaval”, está o que consideramos o ponto alto do livro de Sá Gonçalves. Os três dramas escolhidos para entendermos os significados das representações sociais no Rio de Janeiro são casos localizados em três décadas distintas, com diferença de 14 anos entre o início do primeiro e o término do último, e que apontam para os desdobramentos de um processo social iniciado no século XIX. O segundo caso “o dia dos ranchos” nos apresenta ainda uma minuciosa descrição, datada de 1926, que entendo ser a base das organizações vigentes até hoje nas escolas de samba e blocos carnavalescos: a constituição de federações e ligas para defender os interesses das organizações no carnaval.

A escolha desses três dramas localizados em décadas distintas é fundamental para entendermos como se constituiu a festa carnavalesca no século XX, a sociabilidade da população e as diferentes interações e integrações no espaço urbano e a cultura associativista que caracteriza o Rio de Janeiro. Estes três dramas respondem a uma das perguntas feitas no início do seu trabalho: se “o caráter comunal e solidário atribuído às expressões popu-

lares se confrontaria com o caráter mais fragmentado das redes sociais urbanas caracterizadas pela competição entre grupos e indivíduos” (p. 27-28).

Ora, o próprio desdobramento destes dramas demonstra não apenas como os jornais tinham grande influência e poder na organização do carnaval carioca; e como a Avenida Rio Branco era espaço privilegiado de trocas culturais, do carnaval das classes mais altas e do seu encontro com as classes populares como ainda da possibilidade dos trânsitos dentro da própria cidade.

É para falar desses trânsitos que os Ranchos, na segunda parte do livro, pedirão passagem. O capítulo quatro, “A preparação e o desfile dos ranchos”, narra a preparação e o desfile dos ranchos priorizando os aspectos do ritual e o entendimento de que as competições carnavalescas são momentos propícios para a socialização e para a reciprocidade. Em função disso, a autora trabalha com duas partes: a primeira sobre a preparação do carnaval dos ranchos e a segunda sobre a própria organização dos desfiles. Se na primeira parte o importante é entendermos como os foliões buscavam dialogar com os mediadores culturais – os políticos, as tias baianas e os próprios cronistas nas redações dos jornais –, a segunda parte está focada em questões mais estruturais do próprio desfile, tais como a própria movimentação e interação gerada nos bairros, antes dos próprios desfiles no centro da cidade, e como esta interação era fundamental para a manutenção da sociabilidade do grupo.

Porém, estes grupos estavam inscritos em um espaço social – territórios. Em “Espaços e sistemas morais”, o capítulo cinco, ficamos sabendo como era importante para outros autores e a imprensa diferenciar os ranchos no contexto de outras escolas de samba. Desde a fundação do Ameno-Resedá, o rancho-escola, onde o papel civilizador e fomentador da aprendizagem progressiva ficavam explícitos, os ranchos se diferenciavam de outras manifestações populares significativas no início do século XX, fosse pelo seu caráter elegante, pelos enredos apresentados, pela melodia de suas músicas. Neste sentido, a tentativa de diferenciar

os ranchos de outras manifestações carnavalescas passava também pela questão da origem dos participantes daquela manifestação e dos locais de residência dos atores participantes do processo.

Esta perspectiva de construção textual é relevante, pois dialoga com a política da Primeira República e de parte da Era Vargas e as transformações pelas quais passa a cidade do Rio de Janeiro, vitrine do Brasil e então capital federal. As relações políticas estabelecidas na cidade poderiam ser mais exploradas pela autora, para que entendêssemos melhor os desdobramentos das transformações pela qual passava a cidade, não apenas urbanisticamente, mas politicamente também, já que de muitas formas, a prioridade dos ranchos como ‘a’ manifestação carnavalesca da primeira metade do século XX nos remete a uma questão política intrínseca com o projeto de construção de nação. Será no capítulo seis, “O carnaval, a cidade e as transformações sociais”, que estas questões ficarão mais evidentes.

Uma delas, que fica latente no texto, é uma perspectiva não evolucionista das expressões carnavalescas, como se uma determinada expressão tivesse que deixar de existir para que outra fosse iniciada em seu lugar – mérito da autora, pois esta reconhece que os próprios cronistas muitas vezes investiam nesta perspectiva evolucionista, ou como aponta Queiroz (1992), o desenvolvimento da civilização e progresso eliminando as manifestações ‘grotescas’. Sá Gonçalves demonstra que as expressões carnavalescas dos séculos XIX e XX coexistiram, apenas fazendo parte de projetos diferenciados de nação e dialogando com diversas territorialidades e diferentes sociabilidades.

Enquanto a lógica colonial e a lógica imperial permitiam a diversão dos Zé-Pereiras, entrudos, cordões e blocos, a lógica republicana priorizava a higiene, a organização, a associação em prol do bem comum – o carnaval – e percebia as manifestações carnavalescas do passado como um passado pouco civilizado, moralmente reprovável e distante dos ditos valores republicanos, inclusive aqueles que estimulavam o associativismo vicinal. São es-

ses valores republicanos que ao encontrar o Rio de Janeiro como campo, percebem as diferentes sociabilidades inscritas naquele espaço e separam primeiro as grandes associações (grandes clubes / elites / bairros mais nobres) das pequenas associações (pequenos clubes / populares / zona norte e subúrbios) e depois, fazendo separações dentro dos próprios grupos, principalmente os pequenos. Nestes ranchos encontraremos as qualificações morais e diálogos instituídos dentro dos próprios bairros da cidade, como tinha sido feito anteriormente.

O que estava em jogo naquele momento não era se a brincadeira / manifestação carnavalesca era de brancos ou negros, ou a importância das relações raciais para estes atores. Como estes atores só têm voz quando publicada nos jornais e há toda uma mediação dos cronistas na construção daquela que será a maior festa da cidade, as expressões carnavalescas debaterão se o Rio de Janeiro, e principalmente os ranchos faziam parte de uma “cultura popular urbana” que se diferenciava amplamente da cultura das elites; inclusive pela própria circulação nos bairros da cidade em época de carnaval por estes atores sociais, ao que a autora aponta: as pessoas se ligavam de formas diferenciadas às mais diversas formas de expressão carnavalesca, mas transitavam entre várias delas; e mesmo se pensarmos nos processos de expansão pelo qual a cidade do Rio de Janeiro passou e a própria territorialização dos ranchos, veremos que havia uma circulação bastante intensa, principalmente em torno do centro da cidade.

O sétimo e último capítulo, “Decadência ou Permanência?”, tenta compreender como os ranchos entram em declínio a partir dos anos 1940 e quais foram as possíveis razões para que esta manifestação saísse de foco e perdesse o apreço

popular. Falta de verba e de apoio dos jornais e dos comerciantes, a burocratização e a formalização na organização e no próprio desfile, seriam algumas das razões que fizeram com que os ranchos fossem desaparecendo aos poucos até o reaparecimento na forma do Rancho *Flor do Sereno*, no início dos anos 2000. Sejam quais forem estas razões, o papel civilizador e o ambiente de aprendizagem encontrados nos ranchos do início do século XX fizeram escola – as de samba – que guardam diversas semelhanças com o modelo apresentado por àquela forma de se brincar carnaval. Estas semelhanças iam além, e se encontravam também na história das pessoas que fundaram os ranchos e transitavam nas escolas de samba e nas relações que mantinham com os bairros onde residiam, onde prevalecia a sociabilidade por conta da musicalidade e do lazer.

A ausência de uma pesquisa iconográfica que pudesse ilustrar melhor a emergência do carnaval carioca desde o século XIX, as diferenças entre os diversos grupos e sua interação com o espaço urbano, não tira o brilho de *Os ranchos pedem passagem*, que tem entre os méritos, o ineditismo do tema sob a perspectiva apresentada.

Referências bibliográficas

- CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia – Uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2001. 403 p.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. 237 p.
- VALENÇA, Rachel. *Carnaval – Para tudo se acabar na quarta-feira*. Rio de Janeiro: Editora Relume-Dumará / Rio Arte, 1996.

autora **Ana Paula Alves Ribeiro**
Professora IAVM / UCAM

Recebida em 07/03/2010

Aceita para publicação em 20/09/2010